



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE  
LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA LÍNGUA PORTUGUESA

ROSILENE DE SOUZA PAULA ROCHA

**A FOME PARA ALÉM DO ESTÔMAGO: DENÚNCIA, SUBJETIVIDADE E  
ESCRITA EM CAROLINA MARIA DE JESUS**

João Pessoa

2022

ROSILENE DE SOUZA PAULA ROCHA

A FOME PARA ALÉM DO ESTÔMAGO: DENÚNCIA, SUBJETIVIDADE E  
ESCRITA EM CAROLINA MARIA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à coordenação do curso de  
Letras da Universidade Federal da Paraíba  
(UFPB) como requisito para obtenção da  
Licenciatura plena em Letras – Língua  
Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane  
Conceição da Silva

João Pessoa – PB

2022

## Ficha de identificação

### Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

R672f Rocha, Rosilene de Souza Paula.

A fome para além do estômago : denúncia, subjetividade e escrita em Carolina Maria de Jesus / Rosilene de Souza Paula Rocha. - João Pessoa, 2022. 34 f.

Orientação: Franciane Conceição Da Silva.  
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2022.

1. Quarto de despejo. 2. Escritora. 3. Fome. 4. Mulher negra. I. Silva, Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-055.2

Elaborado por KARLA MARIA DE OLIVEIRA - CRB-15/485

João Pessoa

2022

ROSILENE DE SOUZA PAULA ROCHA

A FOME PARA ALÉM DO ESTÔMAGO: DENÚNCIA, SUBJETIVIDADE E ESCRITA  
EM CAROLINA MARIA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras –  
Língua Portuguesa, da Universidade Federal da  
Paraíba — UFPB, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua  
Portuguesa.

TCC defendido em: 17/06/2022

**Banca examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Franciane Conceição da Silva (UFPB–DLCV)  
(Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB–DLCV)  
(Examinadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristian Souza de Sales (UNEB)  
(Examinadora)

---

Prof. Dr. Bruno Almeida dos Santos (UFBA)  
(Examinador suplente)

João Pessoa–PB

Junho de 2022

## **AGRADECIMENTOS**

A vida é feita de etapas; tudo tem sua hora. Lembro-me do início da minha retomada aos estudos, em 2014, quando fiz o ENEM em Recife – PE, porém, ao longo dos anos, morando em cidades de estados diferentes, pensei que não chegaria ao ponto pretendido: terminar uma graduação. Contudo, contei com o apoio de pessoas às quais deixo meus agradecimentos e dedico o referido trabalho, contribuindo para a realização desse sonho. Ressalto:

Aos Professores e às professoras, pelo ensinamento ao longo desta caminhada e aos colegas que estiverem presentes durante minha trajetória acadêmica.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva, sempre empenhada em sua ação de ensinar. Agradeço por instigar meu pensamento e questionar sobre o tema de pesquisa, me orientando e dando auxílio para elaboração deste trabalho. Foi um grande aprendizado, professora.

Às integrantes da Banca examinadora, Profa. Dra. Luciana Calado e Profa. Dra. Cristian Sales, minha eterna gratidão.

Ao meu Senhor Jesus Cristo, que sempre esteve comigo, me conduzindo pela ação do Espírito Santo.

À toda minha família, esposo Luiz Carlos e filhos, Rafael e Gabriel, que se fizeram presentes em minha caminhada, apoiando minhas ondas de exaustão quando, às vezes, parecia que não seria possível, mas, a cada dia, renovavam minhas esperanças para continuar.

Agradecimento a mim mesma, Rose de Fé, tive foco, persistência, força e com uma vontade de não desistir do MEU SONHO, DA MINHA REALIZAÇÃO PESSOAL, mesmo que durante a jornada, em algumas situações, a dedicação e estabilidade emocional foram colocados à prova. Contudo, pelo simples fato de ser mulher, a Rose, filha, esposa, mãe, segui em frente com Fé, me graduando no curso Superior Letras Português em uma Universidade Federal.

“Aprendi que mais vale tentar do que recuar...  
Antes acreditar do que duvidar,  
o que vale na vida não é o ponto de partida  
e, sim, a nossa caminhada”.  
(Cora Coralina)

“Eu preciso trabalhar  
e escrevo nas horas vagas”.  
(Carolina Maria de Jesus)

“Ajuda! Estou com fome, sem comida em casa.”  
(Pedido de um anônimo no semáforo)

## RESUMO

O livro *Quarto de Despejo*, da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960, relata o cotidiano de uma mulher negra, moradora da extinta favela do Canindé, localizada na cidade de São Paulo. Através de uma escrita pulsante, crítica e visceral, Carolina denuncia as mazelas e violências enfrentadas pelos moradores da favela, revelando o contraste que separava os “abastados” que residiam no asfalto e os “miseráveis” que moravam no morro. No *Quarto de Despejo*, acompanhamos relatos do diário de Carolina que se iniciam nos finais do ano de 1955 e se encerram em 1960. Mulher, negra, mãe solo, catadora de materiais recicláveis, leitora voraz, escritora, poeta, pensadora e intelectual, Carolina nos revela todas essas facetas na obra analisada. Na luta para criar três filhos sozinha, Carolina Maria de Jesus denuncia a fome que faz o estômago doer para além da fome física e, com sua sensibilidade ímpar, a escritora nos revela outras fomes: por direitos, por justiça, por igualdade e respeito, por ter o Brasil governado por políticos que realmente pensassem no povo, pela possibilidade de um futuro melhor para ela e para os filhos, por viver numa casa de alvenaria, por ser uma escritora reconhecida e valorizada pelo seu grande talento sem ser aniquilada pelo racismo. Tendo como objetivo despertar o interesse pela literatura de autoras negras, assim, contribuindo de maneira que a comunidade acadêmica reconheça o estudo acerca da trajetória intelectual e obras publicadas por Carolina Maria de Jesus. O estudo por meio de leitura e interpretação da obra, resulta numa visão de cunho social mais profunda da situação vivida por uma mulher negra, pobre, moradora de uma favela. Para embasar as análises desenvolvidas, contaremos com o suporte teóricos de Rafaella Fernandez (2018), Conceição Evaristo (2021), entre outros e outras.

**Palavras-chave:** *Quarto de despejo*; escritora; fome; mulher negra; racismo.

## ABSTRACT

The book *Quarto de despejo*, by Brazilian writer Carolina Maria de Jesus, published in 1960, reports the daily life of a black woman, resident of the extinct favela of Canindé, located in the city of São Paulo. Through pulsating, critical and visceral writing, Carolina denounces the ills and violence faced by favela residents, revealing the contrast that separated the “well-to-do” who lived on the asphalt and the “miserable” who lived on the hill. In *Dump Room*, we follow reports from Carolina's diary that begin at the end of 1955 and end in 1960. Woman, black, single mother, collector of recyclable materials, voracious reader, writer, poet, thinker and intellectual, Carolina reveals all these facets in the analyzed work. In the struggle to raise three children alone, Carolina Maria de Jesus denounces the hunger that makes her stomach hurt, but in addition to physical hunger, the writer with her unique sensitivity reveals other hungers: the hunger for rights, the hunger for justice, the hunger for equality and respect, the hunger to have Brazil governed by politicians who really thought about the people, the hunger to enable a better future for her and her children, the hunger to live in a brick house, the hunger to be a recognized writer and valued for its great talent, without being annihilated by racism. Aiming to arouse interest in the literature of black authors, thus contributing in a way that the academic community recognizes the study of the intellectual trajectory and works published by Carolina Maria de Jesus. The study, through reading and interpretation of the work, results in a deeper social view of the situation experienced by a black woman, a poor resident of a favela.

To support the analyzes developed, we will rely on the theoretical support of Rafaella Fernandez (2018), Conceição Evaristo (2021), among others and others.

**Keywords:** *Quarto de despejo*; writer; complaint; black woman; racismo.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 CAROLINA MARIA DE JESUS: CRÍTICA AFIADA DA SOCIEDADE .....</b>	<b>13</b>
2.1 A MULHER CAROLINA MARIA DE JESUS.....	14
2.2 A SUBJETIVIDADE DE CAROLINA.....	15
2.3 VIVENDO DA RECICLAGEM.....	16
<b>3 CAROLINA: FOMES PARA ALÉM DO ESTÔMAGO .....</b>	<b>18</b>
3.1 A VIDA NA FAVELA.....	19
3.2 A FOME.....	21
3.3 AS FOMES DE CAROLINA.....	22
<b>4 ESCRITA E LITERATURA.....</b>	<b>23</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A fome, processo vivenciado pelo ser humano pela vontade e necessidade de comer. A vontade de comer passa pela escolha, mas a necessidade de comer vai além da fome que dói no estômago; é uma fome que dói na barriga e na alma. Neste trabalho é feita a análise do livro *Quarto de Despejo*, publicado em 1960, pela escritora Carolina Maria de Jesus. Neste diário de uma favelada, a fome da autora vem personificada como uma antagonista que assume diversas formas ao mesmo tempo.

A fome de Carolina é existencial, é pela sede de justiça, é por sozinha ter que ser mulher e mãe que provê o sustento dos filhos. É fome por reconhecimento, pela valorização da sua escrita e do papel que desempenha como mulher e mãe. É relatando a compreensão subjetiva de seus anseios que a escritora busca acabar com a invisibilidade social que a cerca e imobiliza a ela e aos seus. Sua obra traz relatos que se iniciam no dia 15 de julho de 1955 e perduram até 1 de janeiro de 1960, descrevendo as realidades de miséria, fome, violência e marginalização que estiveram presentes em sua vida e que continuam, ainda hoje, presentes nos cotidianos de muitos brasileiros e brasileiras.

A obra de Carolina Maria de Jesus chama a atenção pelo subtítulo: “diário de uma favelada”, logo gera interesse, fazendo pensar: o que estaria escrito em um diário de uma favelada? Quando mais nova, eu, assim como muitas meninas tive um diário, onde, escrevemos nossos sonhos e angústias, é um momento nostálgico. Então, quando me deparei com o diário de Carolina, uma mulher de meia idade, mãe de três filhos, que escreve em pedaços de papel seus sentimentos e sonhos, de modo a se refugiar de momentos bons ou ruins já vividos, trazendo à tona um espaço de representatividade nas inseguranças e incertezas. Escrever em diário é uma maneira de desabafar, sozinha, a intimidade. Na personalidade dos diários, pode-se escrever segredos e inquietações que jamais seriam contadas a ninguém; é a oportunidade de ser quem se é de verdade, porém, vale lembrar que essa escrita pode, em algum momento, ser lida por alguém. No caso de Carolina, ela sabia o que queria contar da sua vida, não fazia segredo em escrever as dificuldades e os absurdos que presenciava e vivia em seu cotidiano na favela.

Estudar o processo de escrita de Maria de Jesus é saciar a fome pelo pertencimento e reconhecimento de ter seu lugar no mundo e pelo reconhecer sua

humanidade, extremamente significativo para mostrar à sociedade que muitos são os que vivem às margens, vistos como inferiores e, conseqüentemente, subjugados, mas que existem e carregam muito mais consigo; têm histórias de vida, de luta e buscam, dia a dia, viver com dignidade. Essas pessoas compõem o enorme nicho das que passam por problemas de ordem subjetiva, que se amedrontam, têm ambições e aflições e que desejam o mínimo, como morar onde dê para se abrigar, quer seja em uma casa de alvenaria ou meramente telhada e, acima de tudo, esses seres humanos desejam a valorização e o reconhecimento pelos tão bem executados papéis que desempenham.

É através da escrita que Carolina torna-se sujeito de si mesma, uma vez que põe no papel seus dramas e angústias, seus medos e frustrações; e através dela torna-se sujeito social ao retratar a pobreza e a miséria presentes no *Quarto de Despejo* (LOPES, 2021).

As histórias que Carolina compartilha em *Quarto de Despejo* são ambientadas em São Paulo nos anos de 1950. Analisando os aspectos narrativos da obra, temos Carolina como narradora onisciente, visto que ela é “a voz que conduz a narração do enredo” (GOUVEIA, 2014, p. 93), além de estar presente como pessoa que presencia e vivencia os fatos narrados, pois sabe tudo que envolve o enredo, inclusive pensamentos dos personagens junto a seus sonhos e desejos. Como protagonista da própria história, ela narra em tom confessional a situação de descaso do poder público com os menos favorecidos, trazendo registros datados de sua situação e utilizando-se de menção a alguns moradores e às demais mulheres que vivem na favela abandonadas. “[...] de quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursais nos lares dos operariados” (JESUS, 1958, p. 40).

A literatura é uma forma de conhecimento que permite refletir sobre a vida em sociedade. Nesse contexto, refletir sobre os anseios, conflitos, fomes físicas e existenciais de uma mulher como Carolina Maria de Jesus, é uma forma para compreender a complexidade e para se fazer ecoar a voz de uma escritora e intelectual tão importante para a sociedade brasileira que, ainda hoje, permanece pouco conhecida dentro e fora das universidades.

A escrita para Carolina era ferramenta de fuga, veículo de denúncia, forma de distrair o estômago faminto e amenizar a fome existencial. Sendo Carolina Maria de Jesus mulher negra, mãe, favelada, sua escrita fala sobre as experiências vividas sob

esse corpo, mas não apenas sobre isso. Sua escrita nasceu de sua relação com as pessoas e com o mundo à sua volta. Podemos considerar que o estilo de quem escreveu *Quarto de despejo* é marcado por “escrevivências”, ou seja, “a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida” conforme o conceito de escrevivência cunhado por Conceição Evaristo:

Escrevivência em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertence também (EVARISTO, 2020, p.30).

Esse trabalho fala sobre uma mulher muito à frente do seu tempo, que fez de sua escrita também um testemunho escrito todo marcado por uma narrativa de linguagem simples, onde a favela do Canindé é seu pequeno mundo miserável, trazendo a reflexão de sua condição de mulher negra de 30 anos que cria sozinha os três filhos, José Carlos, João José e Vera Eunice, enfrentando um cotidiano brutal onde viveu, marcado por carência material e, muitas vezes, por carência afetiva.

O trabalho divide-se em quatro tópicos principais com dois capítulos, apresentando a autenticidade de Carolina Maria de Jesus, mulher destemida perante as dificuldades vividas para sustentar os filhos, em seguida, dividido por subtítulos que expõe as opressões sofridas por Carolina perante a uma sociedade indiferente aos moradores de uma favela.

Através de seus relatos, instigou reflexões às sujeições de miséria, fome e descaso por parte das autoridades públicas vividas pelos menos favorecidos, os moradores das favelas, bem como ecoou a voz para a situação dos abusos e da violência sofridos por inúmeras mulheres da favela, fazendo um recorte remontando à sociedade patriarcal dos anos 50, ressaltando a invisibilidade e o desprezo para com as mulheres e os/as negros/as.

Será que essa mulher Maria de Jesus recebia amor e afeto tal qual oferecia? Seria a busca pelo afeto também uma fome que atravessava seu corpo já tão violentado? Segundo opinião dada à entrevista para o jornal Estado de Minas, Conceição Evaristo, escritora brasileira, observa que o livro que deu projeção à

Carolina fala de “uma fome que todos nós sentimos, que é a fome de compreensão da vida, que, no caso dela, passava pela experiência da solidão.

## **2 CAROLINA MARIA DE JESUS: CRÍTICA AFIADA DA SOCIEDADE**

Carolina Maria de Jesus, mesmo com a vida sofrida que levava, mostrou que era possível ser escritora, ponto significativo de sua trajetória transgressora. Sendo uma mulher negra favelada, com pouca escolarização formal, Carolina sofreu inúmeras discriminações, sobretudo por causa de sua cor e origem, entretanto, nada a impedia de escrever e ser representatividade, por intermédio de sua escrita e história, para as estórias de tantas pessoas que viviam e vivem em condições semelhantes à dela. Trouxe essas pessoas para o seu diário, aproveitando o espaço para denunciar a desigualdade perversa que empurrava tanta gente pra favela para viver em condições de miserabilidade e fazia isso de maneira magistral, destacando o uso de metáforas que revelam o abismo que separava as pessoas negras e pobres da favela das pessoas brancas e abastadas do centro da cidade:

Quando estou na cidade, tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2020, p.37).

Nascida em 1914, na cidade de Sacramento/Minas Gerais, lá viveu sua infância e estudou apenas os dois primeiros anos do Ensino Fundamental, por isso em sua obra não lemos a escrita da língua “formal”. Quando jovem, foi acusada de roubo e injustiçada, então Carolina saiu de Sacramento e foi para São Paulo, onde começou a trabalhar como empregada doméstica e ficou grávida do seu primeiro filho, tendo sido, posteriormente, posta para viver na rua, desembocando na favela do Canindé. É a partir desse lugar e dessa vivência que Carolina concebe *Quarto de despejo*. Inquieta, altiva, destemida, incompreendida, crítica afiada da sociedade, Carolina é a personagem protagonista de sua obra e de sua própria vida, mas concebe a “fome” como antagonista em sua história.

## 2.1 A MULHER CAROLINA MARIA DE JESUS

Por diversas vezes, taxada de mulher “metida e esnobe” por outras mulheres da comunidade, visto que, sempre que possível, apaziguava alguma confusão: “Se bem que aqui tem pessoas dignas de desprezo, pessoas de espírito perverso” (JESUS, 2020, p.49). Mesmo com “erros gramaticais” no que concerne à escrita clássica, Carolina registrava seu cotidiano na favela. Realçamos que não devemos considerar essa escrita errônea do ponto de vista linguística, já que se deve simplesmente a uma “questão que não linguística, mas social e política – pertencem a camadas sociais desprestigiadas, marginalizadas, excluídas, que não têm acesso à educação formal e aos bens culturais da elite [...]” (BAGNO, 2018, p.66). Estes registros só poderiam ser feitos com tamanha autenticidade de registrar com palavras o que era viver a (sua) vida na favela do Canindé por ela. Na perspectiva de Marcos Bagno, “a escrita é uma tentativa de representação porque sabemos que não existe nenhuma ortografia em nenhuma língua do mundo que consiga reproduzir a fala com fidelidade” (BAGNO, 2018, p.81). Por isso, vale a lembrança da preservação de suas transcrições tais quais aparecem em sua obra.

Carolina foi considerada à frente do seu tempo por diferenciar-se das outras mulheres da favela, que, sendo algumas casadas, pensavam estar em melhores condições tendo um homem como provedor. Entretanto, Carolina era feliz sozinha, buscando sempre em prioridade o sustento para seus três filhos, não se enxergando na necessidade de estar em um relacionamento, ter um companheiro. Ainda que não tendo sido decisão fácil a ser tomada, decidiu ser mãe sozinha e não se preocupava em ter relacionamento com homem algum, especialmente sob a justificativa de precisar disso para sustentar seus filhos, pois via muitas mulheres acompanhadas de seus companheiros/ maridos que eram obrigadas a pedir esmola.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão, eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas (JESUS, 2020, p.16).

Nota-se que as mulheres da favela também viviam a tradição e os costumes da época em relação ao casamento, época essa que as mulheres eram submissas aos

seus companheiros, tidos como responsáveis pelo sustento familiar. Contestadora, Carolina vivia isolada, rejeitava os relacionamentos amorosos, pois tudo que via eram os abusos e as violências sofridas por aquelas que se permitiam o envolvimento afetivo com os seus amantes, maridos ou namorados. Em seu diário, Carolina chega a mencionar em tom de brincadeira que sempre tem algo para relatar/ contar a respeito de brigas entre marido e mulher acontecidas na favela do Canindé:

Eu tinha a impressão que estava retirando um pedaço de osso da boca dos cachorros. E a Odete vendo o seu esposo sair com a outra no carro, ficou furiosa. Vieram chingar-me de entrometida. Eu penso que a violência não resolve nada [...] Assembléia de favelados é com paus, facas, pedradas e violências” (JESUS, 2020, p. 51).

## 2.2 A SUBJETIVIDADE DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Nesse contexto, vale ressaltar a reflexão de Maria Madalena Magnabosco quando destaca a importância dos textos da autora:

Os diários de Carolina Maria de Jesus podem ser, assim, considerados testemunhos que borram as fronteiras da literariedade ao denunciarem uma outra experiência do sujeito do feminino, a partir das vivências e posições de enunciações da autora, a qual buscou – pelo conteúdo da narrativa e não por sua forma – simbolizar o que escapou e continua escapando aos olhares progressistas da modernização, ou seja, as fraturas expostas pela miséria ecológica, econômica, emocional e relacional, cruamente expostas na favela de Canindé (MAGNABOSCO, 2002, p. 147).

Percorrendo a obra *Quarto de despejo*, nos inquieta é saber qual é a fome de Carolina? Uma fome ou outras fomes? Carolina tinha fome de alimentos para os pratos dos filhos, além disso, fome de ser reconhecida como mulher negra, responsável pelos filhos, fome de ser valorizada como escritora, fome de não ser excluída pelo racismo que ainda hoje encontramos na sociedade.

Sendo a subjetividade uma característica de texto da categoria de gênero literário lírico e ligada à forma do autor escrever, tendo em vista que diz respeito a algo pessoal e próprio de cada um, vê-se como a narrativa de Carolina é própria e desenvolve seu enredo de acordo com as temáticas que o texto literário aborda e explana suas ideologias ao modo que o texto indica.

Conhecida como *Cinderela Negra da Literatura*<sup>1</sup>, Jesus traz em sua narrativa a realidade de ser mulher negra e viver na periferia, convivendo com a fome, onde sua maior preocupação era o alimento para seus filhos. A relação dela para com o mundo era mantida à base de coragem e persistência para viver, se mantendo sempre atenta à situação política do Brasil. Escreveu: “O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la” (JESUS, 2020. p.29).

### 2.3 VIVENDO DA RECICLAGEM

Reciclar é transformar, catar o que pode ser reaproveitado, é ter olho clínico e criativo para encontrar no lixo produtos e materiais que podem ser reutilizados e, a partir disso, gerar renda. Inúmeras e diversas são as pessoas que (sobre)vivem catando lixo, resultado da qualidade da vida precária em que vivem os pobres, o que remete, impreterivelmente, ao problema da exclusão dos marginalizados, que têm na reciclagem, no fazer a coleta seletiva do lixo a forma majoritária de sustento para muitos catadores de lixo. Durante muito tempo, esse foi o sustento de Carolina: “Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender” (JESUS, 2020, p. 12). Constantemente em alerta às necessidades de suas crianças e almejando sempre o sustento diário para si e para eles, começava o seu dia pensando na comida para seus filhos, o que a impulsionava a sair logo cedo com a lata em mãos para buscar água na torneira, fazer o café deles e, em seguida, mandá-los para a escola, pois, mesmo sem ter tido oportunidade de estudar, sabia o valor dos estudos e, por isso, nunca deixou de mandar seus meninos à escola.

O dia de trabalho de Carolina começava cedo e, mesmo que por muitas vezes cansada, não tinha outra opção: “Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte [...] Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, umas latas, e lenha” (JESUS, 2020, p.12). Sabia que o único meio para buscar o sustento de seus filhos para comer aquele dia era sair para catar papel: “Cato papel. Estou provando como vivo!” (JESUS, 2020, p. 20)

---

<sup>1</sup> Cinderela Negra da Literatura: a notoriedade, ascensão de uma escritora negra favelada antes invisível à sociedade.

Muitas vezes, no fim do dia, ao anoitecer, depois do dia inteiro atarefada, Carolina ainda saía para catar papel, ferro, tudo que lhe rendesse dinheiro para comprar alimento. “A indisposição desapareceu, sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros” (JESUS, 2020, p. 12). A vida de catador de papel e/ ou de quem vive de reciclagem é muito dura, marcada por muitas dificuldades, e Carolina sabia disso. Por tanto que fazia parte de seu cotidiano se isolar e escrever, pois, escrevendo, saciava sua fome: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário” (JESUS, 2020, p. 95). Como a escritora Conceição Evaristo colocou em seu conto “A gente combinamos de não morrer”, do livro *Olhos d'Água*, “escrever é uma maneira de sangrar”; para esta autora, escrever é um ato de resistência, o que implica o modo que Carolina vive em sociedade, em meio à miséria, morando em favela e tendo que lutar contra preconceito e a fome diariamente e como ser resistente. Quando se escreve, tem-se o direito de sonhar, é a oportunidade de, por um momento, fugir da realidade, das preocupações, do sentir fome; sonhar são caminhos em que qualquer pessoa tem direito, e assim devem fazer, sonhando, para que a vida seja mais feliz.

### 3 CAROLINA: FOMES PARA ALÉM DO ESTÔMAGO

A “Favelização” é a expressão usada para o processo do surgimento das favelas, o qual tem como limite inicial a rapidez de urbanização das cidades e da intensificação das desigualdades socioespaciais (econômica, política e cultural) nos grandes centros urbanos. As favelas são quaisquer áreas de habitações irregulares com carências básicas de moradia, como saneamento, luz, esgoto, coleta de lixo e demais serviços públicos, retratando, assim, a inexistência em infraestrutura que garante a satisfação de necessidades para se ter desenvolvimento social. Devemos examinar que na favela geralmente, tem-se modelos semelhantes em suas paisagens no referente às suas estruturas, construções improvisadas e desorganização das habitações.

➤ Brasil da década de 50

A realidade da sociedade brasileira até meados do final da primeira metade do século XX era de uma população rural exercendo atividades de agricultura, levando uma vida simples, tendo como principal atividade o trabalho do campo. Nos anos 50, o governo era de Getúlio Vargas, época em que o Brasil esteve a caminho de se tornar uma nação moderna, adotando um padrão de vida bem parecido ao modelo consumista do capitalismo, no qual as donas de casa contavam em seu cotidiano com “aparelhos modernos”, como liquidificador, batedeira, fogão a gás, televisores, enceradeiras, sem contar os produtos industrializados, como alimentos, bebidas, artigos de higiene pessoal e beleza etc. Além disso, os meios de comunicação, como o cinema, a televisão e o rádio, difundiam-se cada vez mais, sendo fundamentais na disseminação de pensamentos nacionalistas e da ideologia de um país rumo ao progresso.

Os anos 60 no Brasil foram anos de transformações que deixaram muitas lições para a história, promovendo mudanças na estrutura da produção e da sociedade, nos comportamentos políticos e nas manifestações culturais. Deste modo, com a publicação, em 1960, do livro *Quarto de despejo*, a escrita de Carolina, o seu relato diário nos chama atenção para o surgimento de um novo sujeito, uma mulher com olhar crítico diante da situação vivida por ela e outros moradores da favela. De acordo com Elzira Divina Perpétua (2013, p.2 e 3):

A perspicácia do olhar de Carolina sobre o olhar do outro, aliada à sua capacidade de constituir-se em narrador na descrição de expressões humanas e de situações do cotidiano, confere ao seu diário o poder de desnudar o dia-a-dia que não é só seu. Na análise dos historiadores, o diário mostraria que “a Carolina do Quarto era um produto de uma sociedade, o Brasil dos fins dos anos 50, que convivia com uma má distribuição da economia e com extremos de riqueza/pobreza dos mais abismantes do mundo.

Nesse sentido, conforme Perpétua, a trajetória de vida de Carolina oferecia o exemplo mais concreto das consequências visíveis dos equívocos da política desenvolvimentista. Em meio a toda mudança ocorrendo, Carolina se mostra muito atenta à atualização da situação política do Brasil, perceptivelmente notável no livro *Quarto de despejo* através de apontamentos trazidos pela autora de críticas social e política relacionadas à época, evidenciando a sociedade preconceituosa, racista e opressora na qual estava inserida. De acordo com o artigo “A questão racial em Quarto de despejo”, o Brasil é possuidor do falso discurso de harmonia racial, o que nos leva a pensar nas dificuldades enfrentadas pela autora:

A própria imagem oficial do país buscou privilegiar aspectos culturais da mistura racial e do sincretismo e minimizou a desigualdade do dia-a-dia, que se revela tanto na esfera privada como na pública. A população preta e parda não só apresenta renda menor, como tem acesso diferenciado à educação, registra mortalidade mais acentuada e casa-se mais tarde e, majoritariamente, dentro de seu próprio grupo. Com isso tudo, e ainda assim, aposta-se na “democracia racial”. Frágil democracia” (SCHWARCZ, 2001, p. 63).

### 3.1 A VIDA NA FAVELA

A favela do Canindé na obra que estamos relatando é o local onde Carolina vivia com seus filhos; local com moradias irregulares. Em qualquer que seja o local onde se instale, muitos moradores da favela são, pejorativamente, conhecidos por “favelados”, pessoas invisíveis para a sociedade. Contudo, ressalva-se que a favela é espaço múltiplo, diverso e com muitas histórias, histórias e trajetórias, portanto não podemos lhe reduzir a lugar de pobreza, falta de oportunidades e marginalização. Para Carolina de Jesus, as crianças não nascem com senso, o que não lhe valia discutir com elas nem tampouco xingar criança nenhuma. “Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade” (JESUS, 2020, p.16).

Carolina sabia sobre a moradia na favela, a deficiente questão de habitação, pois, numerosas eram as pessoas que, assim como ela, lutavam com dificuldades dia a dia, nada obstante, se deparou também com gente que se aproveitava da desgraça alheia, ainda que estivessem todos vivendo a dura realidade da favela. Continuamente, dispôs-se a ajudar a qualquer um que precisasse, intervindo e apaziguando brigas e discussões. Todavia, por usar a escrita a seu favor, anotando tudo em pedaço de papel qualquer, Carolina, teve seu reconhecimento como escritora na favela do Canindé, publicando em vida as seguintes obras: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (1965).

Carolina nunca se deixou abater pelas indiferenças vividas por ela, mesmo sendo desprezada por muitos moradores da favela.

Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. É por isso que eu tenho dó dos favelados (JESUS, 2020, p.49).

Em sua narrativa, Carolina deixa claro o descontentamento de morar na favela, bem como seu posicionamento em resposta à sociedade, que impunha que, por ser mulher, deveria ter um homem em casa. Comprovamos com a citação abaixo:

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (JESUS, 2020, p.22).

Notamos em toda a escritura da autora em foco o âmago de seu íntimo se sentindo parte não pertencente àquele ambiente: “quando cheguei na favela estava indisposta com dor nas pernas, a minha enfermidade é física e moral” (JESUS, 2020, p. 91). Mediante avança, descreve 1) a enfermidade física como seu trabalho pesado de andar horas pelas ruas buscando o sustento por entre materiais catados no lixo; enquanto sua 2) enfermidade moral compreende seu sentimento sobre o que é viver na favela, local onde a desigualdade social exacerba a pobreza e desencadeia o grito interior desenfreado pela frustração do sofrimento vivido na pele, da insatisfação da

obrigatoriedade de conviver diariamente em meio a enfermidades, violências doméstica e familiar e experienciando a vida de maneira tão vulnerável.

A desigualdade social, denunciada tantas vezes por Carolina Maria de Jesus, perpetuou-se presentemente dentro das relações da sociedade, situação que não muda pelo simples fato de ser problema de estruturação do sistema, que permite às relações sociais indicarem o lugar aos desiguais, seja baseando-se em questões econômicas, de gênero, de cor, de crença, de círculo ou grupo social; para o poder público não faz diferença. No *Quarto de despejo*, Carolina aponta as muitas vezes que sentiu na pele as condições as quais era submetida por fazer parte desse grupo de brasileiros que sofre com a desigualdade. Abaixo, a visão que a escritora tinha da favela:

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. “Quando estou na cidade tenho a impressão de que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão de que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2020, p.37).

### 3.2 A FOME

A fome é problemática mundial, o que no Brasil não é diferente; triste realidade decorrente da desigualdade de renda, que desencadeia no estado de pobreza miserável no qual muitos brasileiros, ainda hoje, se encontram. A fome como elemento biofísico-antropo-social acompanha inseparavelmente o homem desde os primórdios de sua fixação como ser humano, pois, segundo referências,

[...] atinge endêmica ou epidemicamente as grandes massas humanas, visto que não só a falta de alimentos causa fome, mas sim, a falta de certos [...] elementos nutritivos [...] necessários ao adequado funcionamento da “máquina humana”, isto é, a “fome oculta” (Castro 2004, p. 18).

Preocupação para a maioria das mães, mulheres que se mostram em demasiado preocupadas com a situação precária para alimentar os filhos, a fome dá fome, conforme reportagem publicada primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil fundada por repórteres mulheres:

A fome é descrita por algumas mães como uma dor física que atinge o estômago como um soco. Para outras, ela é acompanhada de um sofrimento emocional imensurável quando não conseguem alimentar adequadamente os

filhos pequenos ou têm de enganá-los com alguma coisa que não seja comida de verdade. Quando o alimento é insuficiente em casa, a mãe deixa de comer para alimentar os pequenos (LOBATO, 2019).

### 3.3 AS FOMES DE CAROLINA

A fome que acompanha Carolina em sua vida na favela do Canindé dói na barriga e na alma. No *Quarto de despejo* podemos observar que a fome aparece como uma personagem tão presente na narrativa que assume o papel de uma “personagem de peso”. A personagem Fome na narrativa é uma construção subjetiva da Carolina; é o olhar da autora a respeito desse fenômeno social e existencial.

Continuamente presente na escrita de Carolina, a fome é definida pela cor amarela. De acordo com o prefácio da obra prima em estudo, assinado por Audálio Dantas:

Em sua rotineira busca da sobrevivência no lixo da cidade, ela descobriu que as coisas todas do mundo - o céu, as árvores, as pessoas, os bichos – ficavam amarelas quando a fome atingia o limite do suportável. Carolina viu a cor da fome – a Amarela (JESUS, 2020).

Em sua narrativa, Jesus retrata sua realidade a cada dia e, recorrendo a seus relatos, enxergamos sua habitual preocupação em arrumar dinheiro para alimentar seus filhos, a inquietação em comprar qualquer que fosse para que seus filhos não passassem fome. Lendo atentamente, o livro nos abre os olhos para a fome de Carolina que vai além da fome por alimentos, por comida, que se configura como fome existencial, vivida, experienciada e sentida por alguém que deseja ser vista, notada, sentir-se como alguém que existe no mundo, sendo reconhecida como cidadã, como escrita capaz de viver da escrita, como mulher capaz de prover seu próprio sustento suficiente para criar e dar possibilidade de futuro aos seus filhos. Exatamente, com a publicação em 1960 do livro *Quarto de despejo* – Diário de uma favelada, Carolina tem sua vida transformada, do lixo para o luxo. Com recorde de vendas, trinta mil exemplares em sua primeira edição, o livro chega ao total de cem mil exemplares vendidos, na segunda e terceira edições. Também traduzido para treze idiomas e distribuído em mais de quarenta países. A publicação e a tiragem dos exemplares dão a conhecer o interesse do público e da mídia pela originalidade da narrativa.

## 4 ESCRITA E LITERATURA

*“20 DE JULHO DE 1955 ‘Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado” (JESUS, 2020, p.21).*

Segundo estudos dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus realizado pela pesquisadora Rafaella Fernandez, Carolina escrevia a sua realidade motivada pelo seu cotidiano na favela, onde o processo criativo de sua escrita parte de suas indagações, como acompanhamos na entrevista abaixo:

Primeiro, que ela é capaz de alcançar os leitores das mais variadas classes sociais. Segundo, além de poder alcançar as mais variadas classes sociais ela rompe justamente com essas ideias canônicas, mas sem deixar de ser canônica. Ela vai mesclando o culto com o não culto, digamos assim. O saber ilustrado com o outro saber. E isso que é interessante na obra dela (FERNANDEZ, 2018).

A escrita foi ilustre para Carolina, tendo sido o meio pelo qual ela expressou seus pensamentos no papel, pôde sair da invisibilidade e buscar o sonho de, um dia, publicar seu livro, podendo ter, futuramente, sua casa de alvenaria: “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela” (JESUS, 2020, p.27). Neste trecho, podemos destacar a fome de Carolina pela aquisição da sua moradia (casa) própria para que possa viver sem o medo de ser despejada, almejando morar fora da favela. A voz em sua obra é reiteradamente marcada por uma narrativa de linguagem original:

Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (JESUS, 2020, p.20).

*Quarto de despejo* está encaixado no gênero textual diário, que traz seu relato em primeira pessoa de como era viver na favela do Canindé: “se pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão de que estou no inferno” (JESUS, 2020, p. 26). Com seu diário existe uma relação de intimidade, que permite ao autor a expressão de sua personalidade, transcrevendo sua narrativa sob a visão do que a Língua intitula por “pronomes pessoais ‘eu’”, utilizando a expressão de numerosas vivências, tendo como diferencial o uso da linguagem informal. É em seu diário que a literata exprime suas

emoções, angústias, seus pensamentos e suas experiências de dias felizes ou tristes que vivenciou em família no local onde morou:

Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doía-me. Comecei tossir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O ônibus atirou um garoto na calçada e a turba afluiu-se. Ele estava no núcleo. Dei-lhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa (JESUS, 2020, p.11).

Quando lemos o diário de Carolina, nos deparamos com um cotidiano difícil, de uma mulher que trabalhou o dia inteiro para levar comida para seus filhos e que, ainda assim, ao chegar em casa, vai ler, pois esse é seu descanso. Em vários momentos do diário, ela dá importância para a leitura, deixando entender que ler faz bem para a alma, tido como método para relaxar, acalmar: “Aproveitei a minha calma interior para eu ler” (JESUS, 2020, p.12).

Conforme o trecho: “Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o radio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 2020, p.24), ponderamos que, ao anoitecer, após mais um dia vencido de trabalho em busca do sustento e da estabilidade, Carolina criou o hábito de ler um livro antes de dormir a fim de relaxar e ter a sensação de bem-estar, se mostrando moradora diferente na favela, visto que, enquanto alguns moradores faziam pouco caso dos livros, ela se debruçava sobre eles, sempre procurando algo a mais através da leitura. Ler e escrever eram estratégias que ela utilizava para fugir de conflitos com seus vizinhos e eram, sobretudo, artifícios para preenchimento dos vazios desencadeados por suas crises existenciais; maneiras de amenizar a fome do corpo e da alma.

Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool (JESUS, 2020, p.74).

Viver tal qual você acredita não é fácil, e Carolina Maria de Jesus era vista com desdém pelos vizinhos, que a julgavam metida por gostar de ler e criar sozinha seus filhos sem depender de homem. Pensando há um tempo atrás, a sociedade interligava o sustento de uma família a um casamento, mas, diante desse pensamento

preconceituoso Carolina inovou, sempre lutou sozinha, mostrando sua força, quebrando barreiras, assumindo o controle de sua vida, por isso, acredito que esta obra é um incentivo para muitas mulheres não desistirem de buscar o que tanto almejam, sem depender de quem quer que seja.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou mostrar, ainda que de maneira resumida, a grande obra *Quarto de despejo – Diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus, uma intelectual negra que sempre lutou para vencer. Diante disso, esperamos contribuir incentivando novas gerações a conhecerem as obras de uma escritora brasileira, vinda da classe trabalhadora, que, escrevendo sua história, resistiu e persistiu em seu caminho para realizar um sonho.

Nesse sentido, destacamos que o processo de escrita de Carolina traz sua trajetória pessoal como exemplo de quem nunca desanimou diante de tantos obstáculos imputados por uma sociedade patriarcal, a uma mulher negra, moradora de favela e responsável pelo sustento dos seus filhos.

Em sua obra, Carolina tem seu lado maternal exteriorizado na escrita quando, sempre preocupada com a alimentação, a educação dos filhos e a maternidade em si, ainda se interessava pela política do Brasil, argumentando reiteradamente contra o descaso para com os moradores da favela por parte dos governantes. Particularmente, podemos dizer que, ao lermos a obra de Carolina, nos impressionamos com sua força diante da dura realidade vivida e escrita, essa autêntica e verdadeira experiência de vida torna suas obras super atuais, inspirando muitas outras mulheres, especialmente mulheres negras, a lutarem por seus objetivos, traçarem metas e não desistirem dos seus sonhos, mesmo que tenham que enfrentar as barreiras do racismo, machismo e da desigualdade social. Carolina Maria de Jesus, com a sua fome insaciável de viver e ser reconhecida, nos ensina que jamais poderão cortar nossas asas, e mesmo que cortem, aprenderemos novas formas de voar.

Vale ressaltar que o presente estudo, possibilitou trabalhar com relevância os seguintes temas: a fome, favela e a escrita. Carolina, por meio da sua **escrita** retratou de maneira confessional as situações vividas, diante disso, entendemos que o pensamento patriarcal ainda é um empecilho para muitas ou algumas mulheres terem suas vozes caladas. O trabalho, mostra que a **favela** não pode ser vista somente como um problema social, lugar de despejo, onde nada presta, pelo contrário, é o lugar onde muitos estão pelo descaso de uma ação governamental. Em relação à **fome**, é uma triste realidade que muitos passam, não só a fome por alimentos, mas, a fome da

existência, ou seja, se fazer pertencer a uma sociedade, respeitando e sendo respeitado, independente de sua condição social e racial.

A leitura de *Quarto de despejo* – Diário de uma favelada é muito significativa para os estudos literários em diferentes vertentes, colaborando assim, com seriedade, para compreender as discussões salientadas pela escritora negra brasileira Carolina Maria de Jesus, considerada uma das principais vozes da Literatura Brasileira, cuja vida foi atravessada pela miséria e pela fome, mas também pela sabedoria, capacidade crítica e pelo desejo contínuo de emancipação e transformação do seu contexto e das pessoas que estavam em seu entorno.

## 6 REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: 56ª edição Parábola Editorial, 2018.

BARBOSA, D. Conceição Evaristo aborda obra de Carolina Maria de Jesus no Letra em Cena. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/10/25/interna\\_cultura,1316643/conceicao-evaristo-aborda-obra-de-carolina-maria-de-jesus-no-letra-em-cena.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/10/25/interna_cultura,1316643/conceicao-evaristo-aborda-obra-de-carolina-maria-de-jesus-no-letra-em-cena.shtml)>. Acesso em: 04 jun 2022.

BARBOSA, L. Carolina Maria de Jesus – meu sonho é escrever. Os resíduos da escritora no tempo. Minas Gerais, 2019. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafrro/resenhas/memorialismo/1163-lorena-barbosa-carolina-maria-de-jesus-meu-sonho-e-escrever-os-residuos-da-escritora-no-tempo>>. Acesso em: 02 jun 2022.

CASTRO, Josué de. Geopolítica da fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população. 2 volumes. São Paulo: Brasiliense, 1965.

EDUCA + BRASIL. Gênero textual usado para relatos cotidianos. 2020. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/diario>>. Acesso em: 04 jun 22.

EVARISTO, C. **Escrevivência**. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>>. Acesso em: 24 mar 2022.

\_\_\_\_\_. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERRARI, M. **Poética de resíduos**. Pesquisa FAPESP. São Paulo, 2015, n. 231. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/poetica-de-residuos/>>. Acesso em: 02 jun 2022.

GOUVEIA, A. **Fundamentos sobre a natureza da literatura e das categorias narrativas – Teoria da Literatura**. Editora UFPB, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB: 2ª edição, 2014.

JESUS, C. M. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2020.

JUNIOR, N. Carolina Maria de Jesus: “meu sonho é escrever.” Disponível em: <<http://www.omenelick2ato.com/artes-literarias/carolina-maria-de-jesus-meu-sonho-e-escrever>>. Acesso em: 04 jun 2022.

LOBATO, E. Dormir para esquecer a fome. 2019. Disponível em: <<https://apublica.org/2019/03/dormir-para-esquecer-a-fome>>. Acesso em: 03 jun 2022.

LOPES, E. A. A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu *Quarto de despejo*. Minas Gerais: 2021. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/1024-a-importancia-da-leitura-e-da-escrita-para-carolina-maria-de-jesus-uma-analise-do-seu-quarto-de-despejo-elisangela-aparecida-lobes>>. Acesso em: 04 jun de 2022.

PRA VALER S.A. Carolina Maria de Jesus – Tudo sobre vida e obra da escritora. Disponível em: < <https://www.pravaler.com.br/carolina-maria-de-jesus-tudo-sobre-vida-e-obra-da-escritora/>>. Acesso em: 04 jun 2022.

RODRIGUES, A. F., BAPTISTA, C. M., & FIRMINO, E. M. A. (2011). A questão racial em *Quarto de despejo*. São Paulo: Baleia na rede, v. 1, n. 3, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.36311/1808-8473.2006.v1n3.1361>>.

SANTOS, E. da S. Carolina Maria de Jesus: artista, mulher e mãe no *Quarto de despejo*. São Paulo: v. 1, n. 3, 2006. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/baleianarede/article/view/1362>>. Acesso em: 04 jun 2022.

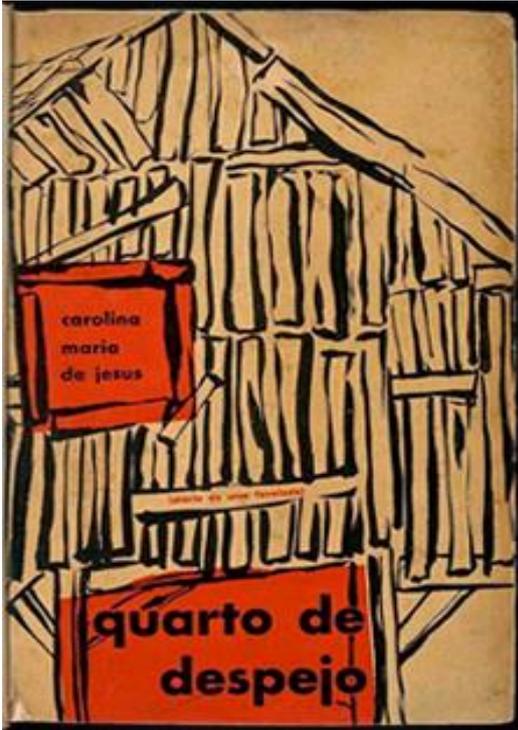
SUL 21. Em nova biografia, escritor busca história de Carolina Maria de Jesus além dos estereótipos. 2018. Disponível em: <<https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2018/05/em-nova-biografia-escritor-busca-historia-de-carolina-maria-de-jesus-alem-dos-estereotipos/>>. Acesso em: 04 jun 2022.

VIDA POR ESCRITO. Vida por escrito – Portal bibliográfico de Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <<https://www.vidaporescrito.com/>>. Acesso em: 02 jun 2022.

## ANEXOS

ANEXO A – **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, publicado em 1960. Com sucesso de público, em uma semana foram vendidos mais de 10 mil exemplares, traduzido em 16 idiomas.

1ª capa



ANEXO B – Outras edições do livro *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada



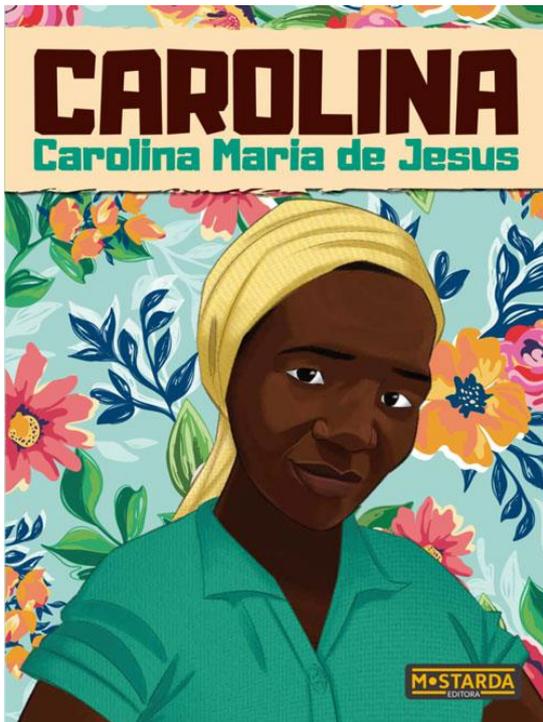
Edição ano 2020

Edição comemorativa (1960 – 2020)



Janeiro 2021

Edição Infantil



## ANEXO C – Algumas biografias sobre Carolina Maria de Jesus

